

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 1, Número 1, Jul. 2012

TODOS SOMOS AMNÉSICOS: MARCAS DO PENSAMENTO DE BERGSON E DA REMINISCÊNCIA PLATÔNICA EM *NENHUM, NENHUMA*



WE ARE ALL AMNESIACS: MARKS OF BERGSON'S THOUGH AND PLATONIC REMINISCENCE IN NENHUM, NENHUMA

Amanda Teixeira SILVA (URCA)

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 10/06/2012 • APROVADO EM 24/07/2012

Resumo

Este ensaio pretende analisar as concepções de memória presentes no conto *Nenhum, Nenhuma*, de João Guimarães Rosa. Partimos da hipótese de que o escritor mineiro utilizou as ideias de Platão e Bergson na construção deste conto.

Abstract

This paper seeks to analyze the concepts of memory present in Guimarães Rosa's short story *Nenhum, Nenhuma*. We start from the assumption that the writer used the ideas of Plato and Bergson in the construction of this story.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Reminiscência. Memória.

KEYWORDS : Reminiscence. Memory.

TEMPO: Década de 1910.

PESSOAS: Platão. Plotino.

OBRAS: Nenhum, Nenhuma . Memória e Vida. Primeiras Estórias

Texto integral

Ou então a gente é que não vê que refoge e busca um outrora anterior à memória? (Guimarães Rosa)

“Nenhum, Nenhuma” é o oitavo conto do livro *Primeiras Estórias*. Os estudiosos que se debruçaram sobre essa narrativa preocuparam-se, principalmente, com o tema da memória, que será também o aspecto central deste ensaio. A busca de lembranças da infância é, sem dúvida, o elemento mais importante do conto, tanto que Guimarães Rosa explica a seu tradutor alemão:

No conto “NENHUM, NENHUMA”, é necessário sublinhar, ou pôr em grifo, as partes que sublinhei com lápis verde. Isto é indispensável, importantíssimo. Aquelas passagens, entremeadas, correspondem a outro plano: representam o esforço do Narrador, em solilóquio, tentando recapturar a lembrança do que se passou em sua infância. Tá? (ROSA, 2003, p. 304)

Deste modo, o próprio autor revela que destacou certos trechos concernentes ao esforço de lembrar. Este é o *leitmotiv* de todo o conto, o centro de gravidade da narrativa. Mas Guimarães Rosa alerta também para o fato de certas passagens configurarem outro plano, que em breve será analisado. Este estudo tentará, assim, observar os dois planos do conto. Neles, preponderam diferentes espécies de memória, a primeira ligada à infância do protagonista, que aparentemente apresenta, na prática, os aspectos da memória como Bergson os interpreta. No outro plano, aparece uma memória diversa, provavelmente ligada à filosofia de Platão. Cabe ainda

ressaltar que os trechos sublinhados aos quais Rosa se refere são uma espécie de monólogo do protagonista, que busca compreender o que passou.

Nenhum, Nenhuma é a estória do Menino que visitou, na infância, estranha fazenda, habitada por um homem “sem aspecto” (ROSA, 1967, p.50), bem como pela Moça e pelo Moço apaixonados, e pela única personagem nomeada, a Nenha, “uma velha, uma velhinha – de história, de estória – velhíssima, a inacreditável” (ROSA, 1967, p. 52), que, apesar de ter recebido um nome (forjado pelos moradores da fazenda), era desconhecida: “Não sabiam mais quem ela era, tresbisavó de quem, nem de que idade, incomputada, incalculável, vinda através de gerações” (ROSA, 1967, p. 52).

O enredo deste conto é fragmentário, pouco linear, confuso como um sonho. O próprio narrador não sabe precisar quando e onde se passaram os acontecimentos relatados. Como já foi dito, o conto é movido justamente pelo desejo de recuperar as “camadas angustiosas do olvido” (ROSA, 1967, p.54):

Tênue, tênue, tem de insistir-se o esforço para algo lembrar, da chuva que caía da planta que crescia retrocedidamente, por espaço, os castiçais, os baús, arcas, canastras, na tenebrosidade, a gris pantalha, o oratório, registros de santos, como se um pedaço de renda antiga, que se desfaz ao se desdobrar, os cheiros nunca mais respirados, suspensas florestas, o porta- retratos de cristal, floresta e olhos, ilhas que se brancas, as vozes das pessoas, extrair e reter, revolver em mim... (ROSA, 1967, p. 52)

Paul Ricoeur adverte que o esforço de recordação pode ter sucesso ou fracassar e diz que a recordação bem-sucedida pode ser considerada como uma memória feliz (RICOEUR, 2007, p. 46). É esta “memória feliz” que é buscada ardentemente pelo narrador do conto aqui estudado. Segundo Carmello, em *Nenhum, Nenhuma*,

A procura pelos fatos da infância que “passaram e passam-se” constitui uma tentativa de descobrir uma verdade misteriosa e inacessível, que se articule e modifique o presente, lançando novas luzes ao futuro. Aproxima-se, portanto, das noções de Memória e Experiência em Benjamin, nas suas teses sobre a história e no livro *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. (CARMELLO, 2006, p. 2)

É necessário ressaltar, no entanto, que a noção de memória presente neste conto se aproxima bastante não apenas do pensamento de Benjamin, mas, principalmente, de um amálgama dos pensamentos de Bergson e

Platão, filósofos profundamente lidos e admirados por Guimarães Rosa. Desta maneira, o presente ensaio — na medida em que pretende enxergar a dimensão quase religiosa que a memória assume para os personagens e narradores de Rosa — tentará também investigar os filósofos que mais influenciaram o pensamento do escritor acerca desta temática.

De acordo com Suzi Sperber, é possível encontrar em *Nenhum, Nenhuma*, “a teoria platônica poetizada e em uma trama — filosofia em prosa poetizada”. (SPERBER, 1976, p.78). A autora acredita que a memória da qual trata o escritor mineiro não é aquela que se detém apenas sobre a infância do menino e sua passagem pela fazenda, mas uma memória primordial, ligada a um tempo mítico em que a humanidade ainda não havia perdido seu contato com o Uno, o Ser Imutável. Para a estudiosa,

A *amnese*, não haver esquecido este mundo superior, das verdades absolutas, é melhor do que a lembrança após o esquecimento. Porém, como isto é difícil que aconteça, é desejável que exista a *anamnese*: relembração da vida fora da caverna. (SPERBER, 1976, p. 66)

Assim, o personagem criado por Rosa se esqueceu do mundo superior, por isso deseja a *anamnese*, a lembrança das verdades absolutas que conheceu um dia. O escritor mineiro afirmava que o *Fédon* é o mais belo diálogo de Platão. Com efeito, é nesta obra que o filósofo trata com cuidado temas como o mundo das ideias, a morte e o destino da alma. No diálogo, Sócrates, estando prestes a morrer, fala aos seus seguidores, mostrando calma e temperança diante de sua sentença e reafirmando a ideia de que a alma sobrevive à morte do corpo. Os filósofos, tendo o conhecimento da Verdade, teriam, inclusive, um futuro mais agradável no Hades.

Cabe ressaltar ainda que o *Fédon* é um diálogo que apresenta fortes influências da religião órfica¹, que aparentemente foi seguida por Platão. Para Suzi Frankl Sperber, é clara, em *Nenhum, Nenhuma*, a ideia da

[...] vida como prisão, da vida como duvidoso mundo de realidade, ou mesmo como mundo de irrealidade, onde a realidade só poderá ser apreendida pelas almas puras, que existiam antes de serem aqui, e que existirão depois desta vida. (SPERBER, 1976, p. 77)

O Menino do conto, preso às amarras da vida, não conseguia encontrar as próprias lembranças. As recordações vêm à tona somente quando ele começa a se lembrar do local onde tinha aprendido tudo o que esquecera: a “casa-de-fazenda” ou o “indescoberto mundo”, cujos cômodos

ainda estavam vivos dentro da criança. Depois de muito tempo, o Menino ainda se lembrava dos cheiros e cores ali encontrados.

Michel Pollak defende que existem lugares particularmente ligados a lembranças muito específicas, que podem ou não ter apoio no tempo cronológico. Assim, estes lugares, em conjunto com acontecimentos e personagens, podem efetivamente dizer respeito a lugares, acontecimentos e personagens “reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também de projeção de outros eventos” (POLLAK, 1992, p. 202). O autor ainda destaca o problema dos vestígios datados da memória: para ele, acontecimentos da vida pessoal e familiar geralmente ficariam guardados com mais precisão que aqueles ligados à vida política, por exemplo. De acordo com o sociólogo, as lembranças dessas duas faces da existência seriam por vezes assimiladas ou mesmo estritamente separadas. É interessante cotejar as ideias de Pollak com o seguinte trecho do conto:

A lembrança em torno dessa Moça raia uma tão extraordinária, maravilhosa luz, que, se algum dia eu encontrar, aqui, o que está por trás da palavra “paz”, ter-me-á sido dado também através dela. Na verdade, a data não poderia ser aquela. Se diversa, entretanto, impôs-se, por trocamento, no jogo da memória, por maior causa. Foi a Moça quem enunciou, com a voz que assim nascia sem pretexto, que a data era a de 1914? E para sempre a voz da Moça retificava-a. (ROSA, 1967, p. 50-51)

O protagonista se recorda de uma data, “1914”, em que poderiam ter ocorrido os fatos que agora vinham à lembrança. Logo admite, no entanto, que é impossível que os eventos tenham acontecido nessa época, e que provavelmente tal lembrança se impôs porque ouvira, em algum momento, a amável Moça citando aquela data. O afeto que sentia pela enunciadora fez com que o ano fosse fixado para sempre na memória. Esta situação se aproxima da concepção bergsoniana da memória, que afirma que as lembranças afloram com mais profusão a partir da percepção, da afeição e dos sentidos:

O menino não sabia ler, mas é como se a estivesse relendo, numa revista, no colorido de suas figuras; no cheiro delas, igualmente. Porque, o mais vivaz, persistente, e que fixa na evocação da gente o restante, é o da mesa, da escrivaninha, vermelha, da gaveta, da madeira, matéria de rica qualidade: o cheiro, do qual nunca mais houve. (ROSA, 1967, p. 50)

Segundo Bergson, “não temos o que fazer com a lembrança das coisas enquanto temos as próprias coisas” (BERGSON, 2006, p. 50). Talvez

exatamente por nunca mais ter sentido aquele cheiro e ter visto aqueles objetos e lugares, o menino os tenha guardado na memória: era a única forma de continuar a habitá-los. É possível que o desejo de retorno àquele local – através da lembrança – fosse o causador da busca que o protagonista empreende ao longo do conto. De acordo com Bergson, a lembrança de uma sensação torna possível, de maneira mais fraca ou até mais forte, provocar o renascimento daquela sensação experimentada.

O protagonista do conto *Nenhum, nenhuma* sofre constantemente com o esquecimento e enxerga como vital a necessidade de retomar o passado, afirmando que “reperdida a rememoração, a representação de tudo se desordena: é uma ponte, ponte, –, mas que, a certa hora, se acabou, parece’que. ‘Luta-se com a memória’”. (ROSA, 1967, p. 56).

Essa angústia inerente à incapacidade de decifrar o passado não extingue a consciência de que por vezes a memória pode enganar, transformando o passado vivido na imagem do passado – que pode, por sua vez, estar repleta de acontecimentos distintos da experiência concreta:

Na própria precisão com que outras passagens lembradas se oferecem, de entre impressões confusas, talvez se agite a maligna astúcia da porção escura de nós mesmos, que tenta incompreensivelmente enganar-nos, ou, pelo menos, retardar que perscrutemos qualquer verdade. (ROSA, 1967, p. 51)

Assim, a busca pela lembrança configuraria aquilo que o filósofo francês chamou de “recordação laboriosa”, que no conto por vezes se mistura com o passado que vem “como uma nuvem, vem para ser reconhecido” (ROSA, 1967, p. 53), ou seja, a “recordação instantânea”. A recordação laboriosa de Bergson se assemelha, em alguns aspectos, à evocação descrita por Platão no *Mênnon* (86-b):

E se a verdade das coisas que são está sempre na nossa alma, a alma deve ser imortal, não é?, de modo que aquilo que acontece não sabemos agora – e isto é aquilo de que não te lembramos – é necessário, tomando coragem, tratares de procurar e de rememorar. (PLATÃO, 2001, p. 67)

Bergson e Platão tratam de tipos diferentes de recordação, mas ambos se referem a lembranças que precisam ser procuradas, devassadas e desveladas, pois, mesmo que pareçam ter se perdido para sempre, continuam vivas em seus detentores, que devem apenas empreender o esforço da busca. O filósofo francês, em *Memória e Vida*, pergunta:

Mas como o passado, que, por hipótese, cessou de ser, poderia conservar-se por si mesmo? Não há aí uma verdadeira contradição? – Respondemos que a questão consiste precisamente em saber se o passado deixou de existir ou se ele simplesmente deixou de ser útil. (BERGSON, 2006, p. 90)

Desta forma, o detentor da memória pode encontrar, ao buscar uma solução para um problema do presente, uma recordação que estava oculta e que possuía uma utilidade antes desconhecida. Segundo Bergson, o mecanismo do cérebro funciona como um retentor de lembranças úteis. O restante do passado fica guardado de maneira inconsciente durante o período em que não oferece explicação alguma para o presente.

Guimarães Rosa, ao refletir sobre a prática de manter um diário, chegou à conclusão de que “o que pode parecer influência de Proust não o é”: o escritor afirma sempre ter sentido “espasmodicamente, a ânsia de ir fixando o tempo, o vivido”, talvez justamente para evitar que alguma experiência caísse nas garras do inconsciente, ficando inacessível por muito tempo. Num de seus cadernos, ele escreve que

Dans un période de sa vie antérieure à celle où sa pensée a été continuée, Kierkegaard avait très fortement l'idée que nous ne serions heureux que si nous pouvions retrouver tel quel moment du passé. C'est quelque chose d'analogue à l'ambition de Proust, dans *A la Recherche du Temps Perdu*: retrouver identique à lui-même un moment du passé, voilà ce que serait le bonheur”²

Reencontrar, no presente, um momento do passado idêntico ao que já havia existido, era também uma ambição do escritor mineiro. Betina R. R. da Cunha assinala, em *Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico*, que no conto *Nenhum, Nenhuma*, é possível perceber

Uma compreensão mais alargada do conceito e da função do tempo, não mais visto como uma cronologia, tal como as balizas de uma sequência temporal poderiam indicar, mas sim, como patrimônio de “estórias”, fatos e reminiscências, guardados nas esferas dimensionais da memória individual e nos subterrâneos da memória coletiva. (CUNHA, 2009, p. 171)

A autora, além de apresentar uma compreensão diferenciada da questão temporal na obra rosiana, chama a atenção para a importância da memória, ou melhor, da “reminiscência”³ (ou *anamnêsis*) em sua obra. A seguinte citação remete àquelas considerações de Sperber que levam em conta a influência platônica na obra de Rosa:

[...] as lembranças, aqui na Terra, de um saber ancestral reencontram não só o conhecimento mas a integridade do já sabido, sentido. Por outro lado, essa percepção torna-se, na sua concepção, uma redescoberta de verdades até então esquecidas e escondidas. (CUNHA, 2009, p. 176).

É interessante notar que este fenômeno não se dá apenas no conto *Nenhum, Nenhuma* e em *Primeiras Estórias*, mas está presente em diversos outros escritos de Guimarães Rosa. Em *A estória de Lélío e Lina*, novela de seu *Corpo de Baile*, Guimarães Rosa escreve que Lélío

[...] queria já ter vivido muito mais, senhor aproveitado de muitos rebatidos anos, para poder ter maior assunto em que se reconhecer e entender. A um modo, quando descobria, de repente, alguma coisa nova importante, às vezes ele prezava, no fundo de sua ideia, que estava só se recordando daquilo, já sabido há muito, muito tempo sem lugar nem data, e mesmo mais completo do que agora estivesse aprendendo. (ROSA, 2006, p. 256)

Ora, para Platão, o procurar e o aprender são uma rememoração (PLATÃO, 2001, p.53). Segundo o filósofo, o saber “consiste nisto: depois de haver adquirido o conhecimento de alguma coisa, dispor dele e não mais perdê-lo” (PLATÃO, 2001, p. 79):

Sendo (...) a alma imortal e tendo nascido muitas vezes, e tendo visto tanto as coisas <que estão> aqui quanto as <que estão> no Hades, enfim todas as coisas, não há o que não tenha aprendido; de modo que não é nada de admirar, tanto com respeito à virtude quanto aos demais, ser possível a ela rememorar aquelas coisas justamente que antes já conhecia. (PLATÃO, 2001, p.51-53)

A convergência entre a passagem rosiana e o pensamento de Platão é inequívoca. Em “Nenhum, Nenhuma”, no entanto, o fenômeno se dá de maneira mais sutil, menos óbvia.

Andréa Fernandes destacou com excelência, em sua dissertação de mestrado sobre a exegese de *Nenhum, Nenhuma*, o parentesco do pensamento de Plotino (que também era platônico) com a obra rosiana:

A Memória, dentro desta filosofia⁴, tem o sentido de conhecimento: traz para o presente, de volta (...). A *anamnesis*, não sendo o meio de estabelecer uma comunicação com o passado individual, tão somente, mas o canal de união do homem com a realidade imutável, divina. Possibilidade de redenção (...). Portanto, a memória, em Guimarães Rosa, tem o sentido de uma volta que faz regressar emoções vividas, atualizando o que estava em potência nas recordações a ponto de recriá-las, fazendo do narrar, oral, uma evidente tentativa humana de escapar ao tempo da necessidade, sair do tempo da ignorância... (FERNANDES, 2008, p. 8-9)

É importante recordar o quanto Guimarães Rosa apreciava Platão e Plotino. Sem dúvida, é interessante notar novamente aspectos da reminiscência platônica em *Nenhum, Nenhuma*, como a fala do Menino que, ao rever os pais, acusa-os: “Vocês não sabem de nada, de nada, ouviram?! Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!...” (ROSA, 1967, p. 57).

O protagonista, ao buscar a lembrança, tornou-se superior a seus pais. Conseguiu recordar, ganhou calma e religou-se porque adivinhou o verdadeiro e real, o “já havido” (ROSA, 1967, p. 51). Ainda no meio do conto, a busca é repleta de angústia: “Tenho de me recuperar, desdeslembrar-me, excogitar – que sei?” (1967, p. 54). Como afirma Faria,

[...] recordar não é relembrar, mas “desdeslembrar”, que equivale a desesquecer, suprimindo o sortilégio de se ter bebido da água do rio Letes, o rio do esquecimento, nomeado na estória como o “rio que proíbe o imaginar”. Quando nascemos, necessariamente bebemos do rio Letes e esquecemos tudo o que diz respeito à nossa pátria imemorial. Nascer, portanto, é deslembrar uma plenitude originária. (FARIA, 2004, p. 6-7)

Neste conto de Guimarães Rosa, intercalam-se a busca pelo passado vivido na casa-de-fazenda e um passado mais antigo, aquele em que o Menino viveu antes mesmo de nascer. Nessa narrativa, constam de forma clara os dois aspectos mais frequentes na obra do escritor: o recurso a elementos do dia a dia, a coisas do mundo concreto, e a busca de um aspecto transcendente, supralunar. Esses elementos comprovam o pensamento de Kathrin Rosenfield, que afirma a

[...] ambiguidade existente nas afirmações de G. Rosa sobre sua criação. Esta seria, de um lado, totalmente autêntica (“magmática” e “mediúnica”), do outro, determinada pela erudição e pelo conhecimento histórico. (ROSENFELD, 2006, p. 150).

A memória de que trata esse texto também possui duas faces: uma que é explicada por Bergson, a memória que se fixa no inconsciente e vem ao consciente quando se torna necessária para solucionar problemas do presente; e outra que é tratada por Platão, aquela que é um saber adormecido e que precisa de um trabalho “de parto”⁵ elaborado para que volte a se manifestar.

Faria defende que, em *Nenhum, Nenhuma*

O amor é o caminho para o religamento [com o Eterno]: Eros, o deus cosmogônico, cria o mundo, ao celebrar as bodas de dois destinos que se completam. Nesse mundo, que finalmente adquire sentido, pode a alma humana viajar e crescer. Esta é a estória. Por isso, o Moço e a Moça, muito aparecem, encenando as tantas faces de uma Estória que nunca termina e que, sendo a Mesma, nunca é a mesma. (FARIA, 2004, p. 237)

O Menino, ao participar do amor da Moça pelo Moço, entra em contato com a força poderosa de Eros: é este o seu primeiro contato com o infinito, com o divino, com algo que transcende a monotonia dos dias. De acordo com Sperber, a sacralização no mundo de *Primeiras Estórias* é intensificada em relação às outras obras de Guimarães Rosa: as personagens são menos humanas, e a distância entre o aquém e o além diminui. A estudiosa pergunta: “Era isto o que Platão havia previsto idealmente para o mundo?” (SPERBER, 1976, p. 79). Guimarães Rosa parece ter compreendido que sim. Em sua obra, se manifesta aquele universo em que os homens já deixam as sombras da caverna e se aproximam da luz.

NOTAS

¹ Gabriela Gazzinelli acredita que Platão não foi um iniciado, mas afirma que tanto ele quanto Empédocles, os pitagóricos e alguns autores estoicos “fizeram variadas referências à escatologia e aos poemas órficos” (2007, p.14). De acordo com a autora, “intimamente ligada à

metempsicose é a explicação tanto órfica como platônica de nosso esquecimento das vidas passadas”. (2007, p. 20).

² ROSA, EO-6, p. 26. “Num período de sua vida anterior àquele em que seu pensamento foi continuado, Kierkegaard conservava muito fortemente a ideia de que nós só seríamos felizes se pudéssemos reencontrar tal e qual o momento do passado. É algo análogo à ambição de Proust em *Em Busca do Tempo Perdido*: encontrar idêntico a si mesmo um momento do passado, isto é o que constituiria a felicidade”.

³ Segundo Geneviève Droz, “a *anamnêsis*, longe de nos religar a um passado, religa-nos à verdade, isto é, ao mundo das Ideias, ou, melhor ainda, ao Ser imutável e eterno. Não é um instrumento de conquista do passado, de um certo poder sobre o tempo, portanto; é instrumento para a conquista do saber. Não é, por conseguinte, como mostra J- P. Vernant, “pensamento do tempo”, é evasão para fora dele, fuga daqui de baixo em direção ao alto, meio para se escapar do tempo heraclítico do *panta rei* para entrar na ordem cósmica e reunir-se à divindade” (DROZ, 1997, p. 70). A autora explica, a partir de J-P Vernant, que a *anamnêsis* corresponde à reminiscência, à relembração; enquanto o vocábulo *mnêmê* corresponde à lembrança; e *mnémousunê* à memória.

⁴ A autora refere-se à filosofia de Plotino.

⁵ Sócrates afirma que o ato de aprender consiste simplesmente em recordar, pois todos os homens já trazem dentro de si o conhecimento e a verdade, embora tenham esquecido. O trabalho do filósofo junto aos discípulos era, para ele, como o de uma parteira, que apenas precisa trazer à luz algo que já existe. Esse método era chamado de “maieutica” e teria sido inspirado no trabalho da mãe de Sócrates, que era parteira. No diálogo intitulado *Mênon*, Platão apresenta um exemplo prático do método, quando Sócrates teria ajudado um escravo a aprender, ou melhor, a recordar daquilo que já sabia.

Referências

BERGSON, Henri. *Memória e Vida*: textos escolhidos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Cadernos de Literatura Brasileira. João Guimarães Rosa. Instituto Moreira Salles. São Paulo, n. 20- 21, dez. 2006.

CARMELLO, Patrícia. “Da não-distância ao infinito: versões do espaço em Guimarães Rosa”. Disponível em:
[www.lettras.ufrj.br/ciencialit/imagens/Espaço%20da%20escrita%20\(1\).doc](http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/imagens/Espaço%20da%20escrita%20(1).doc)

CUNHA, Betina R. R. da. *Um tecelão ancestral*: Guimarães Rosa e o discurso mítico. São Paulo: Annablumme; Belo Horizonte: Fapemig; Araxá: Uniaraxá, 2009.

DROZ, Geneviève. *Os Mitos Platônicos*. Trad. de Maria Auxiliadora Ribeiro. Keneipp. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1997.

FARIA, Maria Lucia Guimarães de. “A originalidade das Primeiras Estórias e a estrutura arquitetônica do livro”. In: *Revista Garrafa* - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura (Letras – UFRJ). Edição nº 3, Maio-Agosto 2004.

FERNANDES, Andréa Helena Parolari. *O caminhar das sombras imemoriais*: Encenação do universo rosiano a partir da exegese do conto “Nenhum, Nenhuma”, de Guimarães Rosa. 2008. 85 p. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

GAZZINELLI, Gabriela Guimarães. *Fragmentos órficos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

PLATÃO. *Mênon*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 2003.

_____. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1967.

ROSENFELD, Kathrin. *Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

SPERBER, Suzi Frankl. *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. Duas Cidades: Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

Para citar este artigo

SILVA, Amanda Teixeira. *Todos somos amnésicos: marcas do pensamento de Bergson e da reminiscência platônica em Nenhum, Nenhuma*. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., jan.-jul. 2012, p. 109-120.

O autor

Amanda Teixeira da Silva é mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo como área de concentração “História e Cultura Histórica”. No mestrado, desenvolveu pesquisa intitulada “Cronos acorrentado: cultura histórica, tempo e memória nos contos de João Guimarães Rosa”, sob orientação do professor Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Jr. Tem experiência na área de História, com ênfase em Patrimônio Cultural, Teoria da História, Metodologia da História e História e Literatura.